

Os sonhos nos “Diários” de Franz Kafka: autobiografia e experiência psíquica

Dreams in Franz Kafka’s “Diaries”: autobiography and psychic experience

Rogério Ferreira de Souza*

Resumo

À luz da teoria freudiana sobre os pensamentos oníricos, que tomam os sonhos como valor de um evento psíquico e tendo como pano de fundo a obra autobiográfica *Diários* (1909-1923), do escritor Franz Kafka (1883-1924), este artigo busca pensar como obras literárias, que partem de uma narrativa subjetivista e autobiográfica, podem trazer uma relação entre pensamentos oníricos e os adoecimentos psíquicos do homem moderno. Nessa perspectiva, cursar este caminho temático da literatura e da psicanálise visa, antes de tudo, contribuir para novos desdobramentos teóricos e analíticos entre a teoria psicanalítica dos processos culturais, em especial a literatura autobiográfica.

Palavras-chave: Sonhos autobiográficos. Psicanálise. Literatura. Diários. Interpretação dos Sonhos.

Abstract

*This work reflects on how literary works centered on a subjectivist and autobiographical narrative can reveal an articulation between dreamlike thoughts and psychic illnesses. The reflections have Freud’s theory on oniric thoughts as psychic events as a theoretical framework, and Kafka’s autobiographical reports as in *Diaries* (1909-1923) as a literary reference. The interaction between literature and psychoanalysis can contribute to new theoretical developments in psychoanalytic theory, in cultural processes and, particularly, in the better understanding of autobiographical literary works.*

Keywords: *Autobiographical dreams. Psychoanalysis. Literature. Diaries. Interpretation of Dreams.*

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Programa de Mestrado em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ-UCAM). Coordenador do Comitê de Pesquisa Memória e Sociedade da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Membro em formação em Psicanálise no Círculo Brasileiro de Psicanálise (Seção Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. rogeriosouza1347@gmail.com

1. Sonhos autobiográficos e as experiências psíquicas – uma introdução

(...) O que se acha em questão, primeiramente, é se o sonho tem de fato um sentido, se podemos lhe atribuir o valor de um evento psíquico (FREUD, 1907/2021, p. 15)

O sonho como valor de um evento psíquico postulado por Freud, na epígrafe acima, se apresenta neste artigo como ponto de partida para a reflexão acerca da obra autobiográfica *Diários* (1909-1923/2021)¹, do escritor Franz Kafka (1883-1924). Nesta, o escritor tcheco destinou um espaço significativo aos registros de seus sonhos, devaneios (sonhos diurnos) e fantasias, dando a entender, a partir dessa escolha (em ato) que o registro dessas experiências afetivas e pessoais, vividas cotidianamente, significavam mais do que procedimento literário ou mero exercício criativo na busca de argumentos, temas e personagens para um dos seus romances, contos ou novelas. Seus sonhos, assim como todos os registros em seus *Diários*, expressam uma necessidade existencial, uma forma íntima de manifestar suas dúvidas, ambiguidades, angústias, medo, insegurança e a forte depreciação de si mesmo, como também, de desejos, fantasias, preferências e projetos futuros. Como o próprio Kafka descreve nas primeiras páginas de seus *Diários* no ano de 1909:

(...) vem-me a ideia de tornar a falar comigo mesmo. Toda vez que me interroguei de fato, sempre respondi, sempre houve o que arrancar de mim, deste amontoado de palha que sou há cinco meses e cujo destino parece ser o de pegar fogo e arder no verão mais rapidamente do que o espectador é capaz de piscar. Se ao menos fosse assim! (...). Meu estado não é o da infelicidade e tampouco o de felicidade, não é o da indiferença nem o da fraqueza, não é cansaço nem o interesse em outra coisa, mas o que é então? (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 10).

Diante disso, é possível perceber que Kafka via como necessário o diálogo consigo mesmo. Um diálogo subjetivo e introspectivo, trazido à superfície na forma literária do diário. Um recurso à percepção e à reflexão do sujeito que o

1. A versão dos Diários utilizada neste trabalho abrange um período importante da vida de Franz Kafka (1909-1923). O início dos registros se deu quando o escritor tinha 26 anos, indo até julho de 1923, um ano antes de seu falecimento, em julho de 1924. A edição brasileira dos Diários, na versão completa, foi publicada em 2021, sendo a primeira a ser traduzida dos originais em alemão para a língua portuguesa.

era. E, se assim o for, os sonhos e devaneios registrados nos *Diários*, de forma autônoma e com certa margem de espontaneidade, poderão ser tomados, em hipótese, para fins de reflexão em torno da vida e obra de Franz Kafka, como associações livres. Dessa forma, põe-se em percurso a premissa freudiana da regra fundamental da psicanálise, na qual convidamos o "analisando", neste caso, Franz Kafka, a falar o que pensa. Expressar sem omissões, mesmo que tais pensamentos possam lhe parecer desagradáveis, indesejáveis, repugnantes ou completamente despropositados de sentidos.

(...) convidando-se o paciente a se pôr no lugar de um auto-observador atento e desapaixonado, a ler apenas a superfície de sua consciência, obrigando-se, por um lado, à completa sinceridade e, por outro lado, não omitindo nenhum pensamento que lhe ocorra, mesmo quando: 1) sintá-lo como algo muito desagradável; ou quando: 2) tenha de julgá-lo absurdo, 3) muito insignificante, 4) sem relação com o que se busca (FREUD, 1923/2021, p. 279).

A partir da regra fundamental da associação livre como recurso analítico na interpretação dos registros nos *Diários* de F. Kafka, em especial os seus sonhos e devaneios, acredita ser possível, neste artigo, tangenciar a vida psíquica do escritor tcheco. Sabe-se que, de sorte, os sonhos registrados por Kafka vieram a público como obra literária; no entanto, não se observa, com isso, um impeditivo, ou seja, que eles possam ser tomados como pensamentos oníricos manifestos, pois como argumenta o autor da *Interpretação dos sonhos*, "(...) Abriu-se um novo acesso às profundezas da vida psíquica quando a técnica da associação livre foi aplicada aos sonhos, próprios ou de pacientes" (FREUD, 1923/2021, p. 282).

Evidentemente, não se propõe, em tela, um novo método ou caminho metodológico à temática da Psicanálise e Literatura. É digno de nota informar que a metodologia empregada neste trabalho, ou seja, interpretação de obras literárias, artísticas, biografias e autobiografias acerca da vida cotidiana de um escritor ou artista, como material de valor psíquico – passível de uma análise psicanalítica –, já esteve presente em inúmeros textos e estudos de Freud. É possível encontrar em sua vasta obra o uso de textos literários, contos, lendas, obras de arte, como também biografias e registros autobiográficos, utilizados, em sua maioria, como fonte para o estudo da personalidade psíquica de determinado personagem, fictício ou não. Como por exemplo: *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen* (1907), *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci*, publicado em 1910; *O Moisés, de Michelangelo* (1914), *Dostoiévski e o*

parricídio (1928), entre outros. Ernani Chaves (2015), ao escrever sobre a estética freudiana de análise dos textos sobre arte, literatura e os artistas, comenta que, nos trabalhos de Freud sobre Leonardo da Vinci e o Moisés de Michelangelo, a diferença fundamental se deu na utilização do material bibliográfico disponível em Da Vinci, em detrimento de Michelangelo:

(...) importa aqui, de início, lembrar uma diferença muito importante entre os estudos sobre Michelangelo e Leonardo. Do primeiro, como afirmamos antes, não se conhece nenhum escrito, nenhum diário. Freud assim, não pode “escutar” Michelangelo, tal como podia escutar seus pacientes em Viena. Entretanto, ao contrário dele, Leonardo deixou-nos muita coisa escrita, incluindo anotações autobiográficas, entre os quais o famoso relato do sonho com o “abutre”, ou melhor, com o “milhafre”. (...). Considero esse aspecto crucial, quando se trata de avaliar a interpretação que Freud fez de Leonardo, uma vez que ela se encontra inteiramente de acordo com os princípios fundamentais da Psicanálise tal como o próprio Freud concebia: há um sonho, há os relatos biográficos... (CHAVES, 2015, p. 19-20).

Destaca-se também que Kafka, através de seus *Diários*, expôs seus sonhos e pensamentos para um público futuro, sem, no entanto, ter isso como propósito. Não havia por parte do autor de Praga um projeto literário em andamento com a escrita dos *Diários*, uma intencionalidade, *a priori*, de um trabalho para a posteridade. Pelo contrário, como comenta o organizador da edição brasileira Sergio Tella². Kafka havia solicitado ao seu amigo mais próximo e responsável pelo seu testamento, Max Brod (1884-1968), às vésperas de sua morte, que todos os seus manuscritos fossem destruídos; incinerados. O pedido não foi levado adiante, sendo o próprio Max Brod responsável pela primeira edição dos *Diários*, em 1937 (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 555).

Os *Diários* serviram ao jovem escritor tcheco como um espaço destinado à sua intimidade, aos seus pensamentos e reflexões extraídos de experiências vividas, tanto coletivamente como sozinho, nas inúmeras noites de insônia, em seu quarto, ao refletir sobre sua vida, seu desejo em ser um escritor, seus sonhos, seus amores, enfim. Era nos *Diários* que Kafka se entregava a um fluxo criativo e incessante, na busca do registro de si; um observador

2. Outros autores e biógrafos de F. Kafka corroboram com esta afirmativa. Ver em especial Begley (2010), Löwy (2005), Coutinho (2005), Adorno (1998) e, numa perspectiva crítica, ver Deleuze e Guattari (2022).

atento de si mesmo ou, como sustenta Gaston Bachelard "(...) A partir dessa vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o que não se *deve* ver, formam-se estranhos devaneios *tensos*" (BACHELARD, 2019, p. 07, grifo do autor).

Kafka tomava esse espaço de "devaneios tensos" como um lugar destinado à intimidade e à reflexão. Seus pontos de vista, impressões sobre suas atitudes e comportamentos, ideias sobre futuro, pequenos esboços e prelúdios de obras futuras que o marcariam, para sempre, no cenário literário internacional.

Uma das vantagens de manter um diário é a clareza tranquilizadora com que se toma consciência das transformações a que se é submetido sem cessar; de modo geral, é claro que acreditamos nessas transformações, nós as intuímos e admitimos, mas inconscientemente sempre as negamos quando se trata de extrair dessa admissão esperança e paz (KAFKA, 1909-1923 /2021, p. 168).

Para Kafka, os *Diários* eram um lugar de refúgio e desabafo, o "divã" imaginário cujos sonhos, sentimentos, momentos de aflição e incerteza, devaneios e mais uma série de experiências cotidianas eram depositados. Nesse sentido, a obra *Diários* assume um valor duplo neste trabalho, como valor tanto literário quanto psíquico. Seguindo a linha de argumentação P. Lejeune (2014) acerca do valor do diário:

O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade. O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir, sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real (*Id., ibidem*, p. 303).

A perspectiva de P. Lejeune (2014), sobre o lugar e a função do diário nos permite analisar os registros autobiográficos de Kafka como um espaço de fuga do "eu" às pressões da vida vivida coletivamente, como espaço de fuga da realidade e, ao mesmo tempo, de confronto com ela. O autor argumenta, em seus estudos sobre a escrita autobiográfica, que desde o final do século XVIII, o diário esteve a serviço do indivíduo como sustentáculo de sua intimidade, muitas vezes como instrumento afetivo para lidar com o mundo, visto que "(...) ter um diário tornou-se, para um indivíduo, uma maneira possível de

viver, ou de acompanhar um momento da vida” (*Id., ibidem*, p. 302). E assim, eram os *Diários* para F. Kafka um lugar “amigo” solitário, pessoal, íntimo, no qual o escritor confiava até os momentos mais angustiantes:

Sinto-me, como já sentia à tarde, um grande desejo de, pela via da escrita, arrancar de mim todo esse meu estado angustiante e de, da mesma forma como ele vem de minhas profundezas, registrá-lo nas profundezas do papel ou registrá-los de uma maneira que eu possa abarcar em mim todo o escrito. *Não se trata de um desejo artístico.* (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 155, grifo nosso).

Nos *Diários* Kafka descortina para si e, posteriormente, ao mundo literário, momentos bons e momentos ruins, angustiantes e desanimadores. É também o lugar das lembranças e reminiscências da sua vida familiar e dos conflitos que o cercavam. Pelos *Diários* é possível acompanhar parte de seu universo íntimo e subjetivo, de sua visão de mundo e de como se via no mundo.

Os sonhos é um capítulo à parte nos registros dos *Diários*. Em um universo de mais de quarenta sonhos registrados – desde 1909 até 1922, quando se encerram os registros – Kafka fazia questão de historiar os seus sonhos das noites anteriores, assim como em sonhos vespertinos, normalmente aos finais de semana. Desse universo, serão utilizados três fragmentos de sonhos, de períodos distintos da vida que o escritor tcheco deixou registrados. Além dos fragmentos dos sonhos, serão utilizados como material de apoio à análise outros registros retratados nos próprios *Diários*. Como já dito, os *Diários* são tomados, para fim de análise, como valor de um evento psíquico e tratados como associações livres de Kafka frente à folha em branco. Será com esse material, o conteúdo manifesto dos sonhos, as experiências afetivas, vivenciadas ou fantasiadas cotidianamente, que se tem a oportunidade de imergir no mundo de autor Franz Kafka, em sua personalidade. Isso também nos permite pensar a subjetividade do homem moderno nas primeiras décadas do século XX.

2. Franz Kafka no divã de S. Freud: a composição da cena psicanalítica

Noite insone. Já é a terceira seguida. (...) por toda noite, até por volta das cinco da manhã, o que acontece é que durmo, sim, mas sonhos intensos mantêm-me ao tempo acordado (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 68)

Em uma certa manhã de um dia qualquer de junho de 1910, um jovem rapaz de família judaica, nascido em Praga, em 1883, se dirigia para o então famoso endereço em Viena XI, Berggasse 19. Meses antes, esse mesmo rapaz havia solicitado uma consulta com o já famoso psicanalista Sigmund Freud. Em sua carta, solicita com urgência uma entrevista a fim de dar início a um tratamento, pois, além de insônias frequentes, sofria de uma angústia constante, que o acompanhava desde sua tenra idade. O ainda desconhecido jovem escritor Franz Kafka, amante incomensurável da literatura, levaria ao divã suas angústias, medos, seus sentimentos de culpa, frustrações amorosas, incertezas sobre o seu futuro, seus desejos e seus sonhos, muitos sonhos.

(...) A recriminação por terem eles de fato arruinado um pedaço de mim, um pedaço bonito e bom – que em sonho, me aparece por vezes como a outros aparece a noiva morta – (...). Com frequência reflito sobre isso e dou livre curso a meus pensamentos sem neles me imiscuir, mas sempre concluo que a minha educação me arruinou mais do que sou capaz de compreender (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 16-17).

(...) De minhas últimas noites de sonhos ensandecidos, mas de sono quando muito momentâneo, acordei hoje cedo absolutamente desorientado, sentindo nada mais que a testa a e identificando um estado mediamente suportável apenas para muito além do presente; teria de bom grado, pela simples disposição de morrer, me enrolado no piso de cimento do corredor com os autos na mão (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 143-144).

Nesse encontro fictício e com a licença poética aqui aplicada, Kafka revelaria a Freud suas questões conflitantes e angustiantes. Seu sentimento de culpa e, algumas vezes, sua vontade de morrer. O jovem escritor também iria divagar sobre os seus inúmeros sonhos. Kafka deixaria transcorrer livremente seus pensamentos, conscientes e inconscientes. “Honradez dos maus pensamentos. Ontem à noite, senti-me particularmente miserável” (*Id., ibidem*, 2021, p. 145). No divã de Freud, estaria um jovem escritor atordoado com a figura e a autoridade paterna, um emaranhado complexo parental alinhado a um profundo sentimento de culpa, oriundos em grande parte dos conflitos com o pai, das desavenças amorosas, da insatisfação com o trabalho no escritório, de sua profissão de advogado, da falta de lugar para escrever – devido à agitada vida na casa dos Kafka –, da doença, de suas inúmeras noites de insônia e das dúvidas quanto ao desejo de se tornar um grande escritor.

Com toda a certeza, escrevo isso em desespero com o meu corpo e com meu futuro corpo. (...) Quando o desespero se mostra tão definido, tão vinculado a seu objeto, tão contido como se por um soldado que, dando cobertura à retirada, se deixa dilacerar, então ele não é desespero de fato. O desespero de fato sempre atinge e supera de imediato sua meta (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 09).

Dialeticamente, tudo isso, no entanto, serviu a Kafka como elementos na formação de um universo experiencial, o qual o escritor levou para os seus contos, romance, novelas e, em especial, os seus *Diários*. O escritor tcheco fez uso dessas experiências assim como foi usado por elas, através do engendramento de angústia, da aflição e do medo ao enorme desejo de escrever e viver da literatura. Alinhando interioridade afetiva, vida onírica e escrita criativa.

(...) Na *Metamorfose*, o percurso da experiência se deixa reconstruir na literalidade, como extrapolação. “Estes viajantes são percevejos” diz a expressão que Kafka deve ter escolhido, afinando-a como a um inseto. O que acontece com um homem que é um percevejo do tamanho de um homem? Se o olhar infantil do pavor fosse inteiramente isolado e apreendido, os adultos apareceriam enormes e distorcidos... (...) Em Kafka, uma vida inteira não é suficiente para se chegar à aldeia mais próxima, e o navio do foguista e a pensão do agrimensor têm dimensões tão enormes que seria preciso retornar a um passado longínquo (ADORNO, 1998, p. 21).

(...) O pai é a figura que pune. A culpa o atrai, como atrai os funcionários da Justiça. Há muitos indícios de que o mundo dos funcionários e o mundo dos pais são idênticos para Kafka. Essa semelhança não os honra. Ela é feita de estupidez, desgraça e imundície (BENJAMIN, 1998. p. 139).

Soma-se a isto a inquietude de Kafka frente aos mecanismos burocráticos do poder, a religião e a vida pequeno-burguesa do início do século XX, ou seja, o enigma de Kafka, como apontado por Benjamin “(...) O mundo das chancelarias e dos arquivos, das salas mofadas, escuras, decadentes, é o mundo de Kafka” (*Id., ibidem*, p. 138). Freud, por sua vez, estaria aplicando seu método da atenção flutuante às livres associações do jovem escritor tcheco. O psicanalista de Viena àquela altura já havia teorizado muito sobre a sociedade europeia do início do século XX.

É possível supor que, sob o domínio de uma moral sexual cultural, a saúde e a capacidade vital dos indivíduos estariam sujeitas a danos, e que essa injúria das pessoas, causada pelos sacrifícios a elas impostos, alcançariam um grau tão elevado que, por vias indiretas, também o objetivo cultural final estaria comprometido (FREUD, 1908/2021, p. 360).

Em termos bem gerais, nossa civilização está baseada na repressão dos instintos. Cada indivíduo renunciou a um quê do que possuía, à plenitude de seu poder, às tendências agressivas e vingadoras de sua personalidade; dessas contribuições originou-se o patrimônio cultural comum de bens materiais e ideias. Além das necessidades da vida, foram provavelmente os sentimentos ligados à família, derivados do erotismo, que levaram os indivíduos a essa renúncia (FREUD, 1908/2021, p. 368).

Para Freud (1908/2021), a sociedade moderna, em suas relações sociais engendradas pelo sistema capitalista e a vida burguesa, incutiu à cultura moderna um peso moral sexual opressor, levando às renúncias afetivas instintuais e, conseqüentemente, aos danos psíquicos gerados nos indivíduos em suas relações interpessoais, como em F. Kafka 19/11/1911: "Hoje à noite senti-me de novo repleto de uma capacidade refreada pela angústia" (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 140).

Evidentemente, Kafka não esteve em um *setting* analítico, nem se encontrou pessoalmente com Freud, assim como não há nenhum registro de que Freud tenha lido ou falado sobre a obra e ou a pessoa do escritor tcheco. No entanto, Kafka não desconhecia a obra freudiana. Em seus *Diários*, ele menciona uma vez o nome do pai da psicanálise. Foi em uma referência em 23 de setembro de 1912, ao comentar sobre a façanha em ter escrito, em apenas uma noite, todo o seu conto *O veredicto*, que seria publicado em junho de 1913. Na ocasião, Kafka afirma ter "pensamentos sobre Freud" (*Id., ibidem*, p. 259).³

E é nesses "pensamentos sobre Freud" que se pode encontrar o mote para adentrar nos registros dos sonhos autobiográficos de Franz Kafka e para analisá-los como eventos psíquicos. Jacques Lacan observa que "(...) quando interpretamos um sonho, sempre estamos em cheio no sentido. O que está em questão é a subjetividade do sujeito, nos seus desejos, na sua relação com seu meio, com os outros, com a própria vida" (LACAN, 1953-1954/2020, p. 10). Segundo T. Adorno (1998), há deferência de Kafka em relação à obra de Freud,

3. Segundo Deleuze e Guattari (2022) Kafka conhecia as teorias freudianas, principalmente às relativas à teoria do Complexo de Édipo que segundo os autores, Kafka julgava insuficientes, pois não "penetravam até o coração do conflito" (*Ibidem*, p. 22). Kafka também teve contato com Otto Gross (1877-1920). Discípulo de Freud e filho de um dos professores de Kafka, Hans Gross.

mesmo que indiretamente. Em seu ensaio sobre o escritor de Praga, por mais que Kafka fosse avesso à psicologia⁴ e, em certa medida, aos textos freudianos, há por parte do autor tcheco – em suas obras – tanto uma relação, quanto uma influência, diga-se de passagem, significativas.

(...) Entende-se melhor a relação entre o pesquisador do inconsciente e o parabolista da impenetrabilidade quando se lembra que em Freud cenas arquetípicas como a do assassinato do pai pela horda primordial, a narração ancestral de Moisés ou mesmo a observação pelas crianças da relação sexual dos pais não são entendidas como síntese da fantasia, mas como eventos reais. Nessas excentricidades, Kafka segue Freud até o absurdo, com uma fidelidade digna de *Eulenspiegel*. Ele arranca a psicanálise do âmbito da psicologia. Na medida em que deduz o indivíduo a partir dos impulsos amorfos e difusos, o Ego a partir do Id, a psicanálise já se opõe, em certo sentido, ao especificamente psicológico (ADORNO, 1998, p. 16).

Todavia, não serão as obras literárias com seus personagens e heróis fragilizados objeto central neste artigo, mas tangencial. O que interessa são os sonhos e devaneios do próprio escritor, suas relações oníricas afluindo com suas vivências e experiências afetivas. Destarte, nos *Diários* e os sonhos ali registrados, o que se busca é o sentido da relação de Franz Kafka consigo, com o mundo à sua volta e com a sua obra. O consciente reflexivo dos registros, como também o inconsciente impulsivo, falho, deslocado e condensado que os sonhos trazem. É nessa relação onírica, do “rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo”, como argumenta Walter Benjamin (1996, p. 144), que o artigo se debruçará a partir de agora.

3. Os sonhos nos *Diários* de F. Kafka

(...) Sonhar é, evidentemente, nossa vida psíquica durante o sono, uma vida psíquica que possui certas semelhanças com a do estado de vigília, mas que, em razão de grandes diferenças, dessa também se aparta (FREUD, 1916-1917/2021, p. 116).

Em 13/12/1911, o jovem escritor anota, em seus *Diários*, um sonho com um cão que pesava sobre seu corpo com uma das patas tangenciando o seu rosto.

4. Ver: Roudinesco e Plon (1998, p. 612).

O conteúdo manifesto do sonho se apresenta ao sonhador tão próximo à realidade, que ele se sente amedrontado e temeroso em abrir os olhos para não se deparar com a figura fantasiosa do cão.

(...) Cansado, não escrevi, fiquei no canapé do quarto ora quente ora gelado, com as pernas doentes e tendo sonhos repugnantes. Um cão jazia sobre meu corpo com uma pata perto do meu rosto, o que me fez acordar, ainda que, por alguns instantes, com medo de abrir os olhos e dar com ele (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 157).

O tipo de sonho apresentado acima se assemelha, e muito, com os de mais de quarenta sonhos registrados pelo jovem escritor nos seus *Diários*. Repugnância, angústia, culpa e medo são constantes nos sonhos do jovem escritor. Seu mundo onírico evoca um turbilhão de afetos inconscientes e reprimidos que ao serem provocados por experiências cotidianas – restos diurnos –, são configurados a partir de condensações e deslocamentos, para enfim, através do trabalho do sonho, chegar a se tornar conteúdo manifesto, ou melhor, um desejo inconsciente, de grande valor psíquico.

(...) o sonho possui valor próprio como ação psíquica, que um desejo se torna o motivo de sua formação e que as vivências do dia anterior fornecem o material para o seu conteúdo. (...) Desse modo, o sonho aparece como reação a tudo que esteja presente simultaneamente na psique adormecida como algo atual. (FREUD, 1900/2021, p. 266-267).

Há, evidentemente, outros sonhos com distintos tipos de sentimentos e afetos sendo investidos na vida de Kafka, como por exemplo os sonhos com casos amorosos, com amigos, com familiares, como também de eventos e de atividades cotidianas – idas aos teatros, bordéis e cafés, saraus de literatura etc. Mas, como salienta Freud (*Ibidem*), todos os sonhos são realizações de desejos, sejam “sonhos típicos” – comuns e corriqueiros na vida onírica de quase todos os indivíduos, ou sonhos biográficos, que fazem uso, no trabalho do sonho, de uma atividade de simbolização inconsciente –, pois, prossegue Freud (*Ibidem*, p. 392), em geral, essas atividades de simbolização inconsciente estão, de certa forma, livres da censura e, por isso, contentam melhor às formações de compromisso, permitindo que desejos inconscientes, recalçados e infantis, venham se manifestar na formação dos sonhos. Segundo Laplanche e Pontalis (2022, p. 198-199), as formações de compromisso são estabelecidas entre desejos recalçados/reprimidos ou lembranças adormeci-

das da tenra infância com as instâncias censoras do aparelho psíquico, permitindo descargas instintuais e afetivas, muitas das vezes através dos sonhos. Assim, tanto os desejos inconscientes e reprimidos como as exigências da censura são satisfeitas.

No sonho em questão, o autor relata que “um cão jazia sobre meu corpo com patas no meu rosto”, isto é, há um processo de simbolização em curso, assim como um deslocamento que modifica a cena no sentido da representação. Kafka registra em seus *Diários* que dois dias antes, 10/12/1911, precisava ir visitar a sua irmã Elli, que acabara de ter o seu primeiro filho. O que chama atenção nesse registro é o comentário sobre o seu pai ao receber a notícia do nascimento do neto.

Domingo. Preciso ir visitar minha irmã e seu menino. Quando, anteontem, à uma da manhã, a mãe voltou de lá com a notícia do nascimento do bebê, meu pai atravessou a casa em seu roupão, abriu todos os cômodos, acordou a mim, à criada e às minhas irmãs e anunciou o nascimento de um jeito como se o menino não tivesse apenas nascido, mais como se já tivesse vivido *uma vida honrada* e sido sepultado (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 157, grifo nosso).

Atenta-se para o pequeno fragmento grifado “uma vida honrada”. Kafka buscou, ao longo de sua vida, uma posição “honrada” perante o seu pai. Mesmo contrariado – já que seu desejo sempre foi a vida literária – formou-se em 1906, em Direito. Logo depois foi trabalhar como advogado em uma companhia particular e mais tarde assumiria, como funcionário público, um cargo no Instituto de Seguros contra Acidentes do Trabalho, onde se aposentou em julho de 1922, já muito doente, acometido de tuberculose. Todavia, por mais que buscasse a tal “vida honrada”, Kafka entendia que era impossível chegar a isso, como expressa em um trecho, em sua famosa *Carta ao Pai* (1952)

Compare-nos um com o outro: eu, para expressá-lo bem abreviadamente, um Löwy com certo fundo Kafka, mas que não é acionado pela vontade de viver, fazer negócios e conquistar dos Kafka, e sim por um agulhão dos Löwy, que age mais secreto, mais tímido, numa outra direção e muitas vezes cessa por completo. Você, ao contrário, um verdadeiro Kafka na força, saúde, apetite, sonoridade da voz, dom de falar, autossatisfação, superioridade diante do mundo, perseverança de espírito... (KAFKA, 1952/ 2021, p. 10).

Assim, o sobrinho de Kafka, filho de Elli, a mais velha de suas três irmãs, seria, em hipótese, diante da empolgação manifestada por seu pai, o seu contrário. Ou seja, seria o neto um “Kafka” e não um “Löwy”⁵, apontando para um sentimento de inferioridade aos olhos de seu pai.

O cão que jazia sobre seu corpo e que o deixava amedrontado representa tanto a figura paterna que o vigia, observa sua conduta, sua vida e seu modo de ser, como também, a vida e as obrigações como funcionário público, que toma parte do seu tempo. Kafka desejava que esse tempo fosse destinado à criação literária. Assim, a sensação de vigília, essa guarda sufocante que remete à sensação de “uma pata perto do meu rosto” inviabilizava a sua escrita e seu desejo de ser um escritor. Por causa dessa vigília, dessa sensação de impotência, por não ser “um Kafka”, não consegue escrever na noite que antecede o sonho. Há, no sonho de Kafka, um desejo de se desculpar pela impossibilidade de escrever naquela noite pois, como ele mesmo admite, estava cansado. Por conseguinte, culpa o “cão que jazia sobre meu corpo” – Hermann Kafka, seu pai, o escritório, seu trabalho. É possível admitir, portanto, a existência de um deslocamento como do simbolismo no sonho do escritor de Praga. Este caráter simbólico que o sonho de Kafka apresenta, será um sintoma persistente, em grande parte dos sonhos registrados nos *Diários*. Conforme Freud aponta (1900/2021, p. 117), estímulos instintuais e desejos recalcados – muitas das vezes carregados de sentimentos dolorosos –, são investidos de simbolismo a fim de driblar a censura egoica, permitindo que a carga energética dos afetos reprimidos venha à superfície do aparelho psíquico do sujeito.

Cabe destacar que nesse mesmo ano de 1911, Kafka buscou novamente a aprovação do pai aceitando entrar como sócio em uma fábrica de amianto pertencente ao seu cunhado, Karl Hermann (1888-1939), casado com sua irmã Elli, mãe do sobrinho e motivo de orgulho do pai de Kafka. Ele, o pai, cobrou, por um bom tempo, que seu filho tivesse mais responsabilidade em relação ao investimento feito pela família Kafka no processo de construção e administração da fábrica.

Culpa e angústia são afetos constantemente acionados por Kafka, tanto em suas reflexões relatadas nos *Diários*, como também no seu universo social e fantasioso. Muitas vezes, o escritor se via em um estado angustiante e de total desalento em relação à vida, que findá-la, seria a alternativa encontrada, pelo menos em seus delírios diurnos ou fantasias suicidas, como pode ser analisado neste segundo fragmento do sonho: “Inconsolável. Hoje à tarde, meio dormin-

5. Nome Julie (1856-1934), mãe de Franz Kafka, cujo nome de solteira era Löwy.

do: sofrimento há de, por fim, me explodir a cabeça. E, mais exatamente, nas têmperas. O que vi ao imaginar essa cena foi na verdade um fermento à bala...” (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 309).

Sobre esse tipo de delírio ou fantasia suicida, Freud designou como elaboração secundária, pois trata-se de “(...) fantasias inconscientes, que, devido a seu conteúdo e sua origem de material reprimido, tem de permanecer inconsciente” (FREUD, 1900/2021, p. 540). No caso explicitado por Kafka, sua fantasia ou devaneio com a morte traz um forte componente masoquista da sua vida psíquica, tendo como função o desejo de se punir “como um castigo”, pois as fantasias e devaneios são: “Como os sonhos, elas são realização de desejos; como os sonhos, baseiam-se em grande parte nas impressões de vivências infantis; como os sonhos, beneficiam-se de certo relaxamento da censura para sua criação” (*Id., ibidem*).

O terceiro e último fragmento sonhado, trazido para fins de análise neste artigo, é decorrente também de uma noite de incapacidade criativa na escrita do jovem escritor de Praga. Na noite que antecede o sonho, 06/05/1912, Kafka registra nos *Diários* a seguinte entrada: “Onze horas, pela primeira vez desde algum tempo, total insucesso ao escrever. O sentimento de um homem posto à prova” (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 234). No sonho, Kafka nos conta estar em Berlim acompanhado de seu pai e numa aventura urbana recheada de detalhes arquitetônicos que finaliza com o encontro com um certo dr. Von Leyden. O sonho é trazido em pormenores pelo escritor e narrado como se fosse um pequeno conto, o que indica, de antemão, que o seu conteúdo manifesto sofreu intervenções do próprio sonhador. O autor, na busca da significação do material onírico, preenche inevitavelmente as lacunas buscando sua inteligibilidade. Seguem trechos do sonho em questão.

Atravessava Berlim de bonde com meu pai. O componente metropolitano era representado por inúmeras barreiras bicolores que se erguiam regulares, aplainadas nas pontas. No mais, tudo quase vazio, mas o amontoado de barreiras era grande. Chegamos defronte de um portão, desembarcamos sem nem perceber que o fazíamos e entramos. Atrás dele, uma parede íngreme, que meu pai escalou quase dançando, suas pernas voavam, tamanha a leveza com que ele subia. Por certo, havia certa desconsideração no fato de ele não prestar nenhuma ajuda, uma vez que eu a escalava com extrema dificuldade, de quatro e muitas vezes escorregando de volta, como se, abaixo de mim, a parede houvesse se tornado ainda mais íngreme. Penoso era também que a parede se revestisse de excrementos humanos que, os flocos, penduravam-se sobretudo em meu peito. (...) Quando, por

fim, cheguei lá em cima, meu pai, já proveniente do interior do edifício, veio correndo me abraçar, beijar e apertar. Ele vestia uma sobrecasaca antiga de que eu me lembrava bem, curta, acolchoada por dentro como um sofá. "Esse é o dr. Von Leyden! Que homem excepcional!", exclamava sem cessar. Não o visitara, porém, como médico, absolutamente, e sim como alguém que valia a pena conhecer. Senti um pouco de medo de que também eu fosse precisar ir até ele, mas isso não me foi exigido... (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 234).

A cena onírica apresentada acima se assemelha em muito com algumas obras ficcionais do jovem escritor tcheco. A riqueza de detalhes, a geometrização unida com a preocupação em especificar espacialmente onde e como a cena se apresenta, remete à forma como Kafka descreve todo o ambiente da casa, e especialmente o quarto de Gregor Samsa, em *A metamorfose* (1912); as paredes e os detalhes geométricos e arquitetônicos em *A Construção* (1923); assim como o ambiente labiríntico e vertiginoso enfrentado pelo herói Josef K., em *O Processo* (1925). Entretanto, o que aqui é trazido como material analítico são os sonhos, a vida onírica, íntima e efetiva do jovem escritor. Evidentemente, para o leitor das obras de Franz Kafka, é inescapável a relação de muitos de seus sonhos com sua literatura.

Voltando ao sonho, neste, o pai de Kafka não aparece simbolizado, transfigurado em um animal ou coisas do gênero, todavia, o ambiente onde o sonho se passa é repleto de simbolismo. Há, no conteúdo manifesto, referências à infância do sonhador como "sobrecasaca antiga de que eu me lembrava bem, curta, acolchoada por dentro como um sofá". A visão heroica que tem do pai e a admiração por sua destreza "uma parede íngreme meu pai escalou quase dançando, suas pernas voavam, tamanha a leveza com que ele subia". Neste fragmento, destaca-se também, além da admiração física e a destreza do pai de Kafka, a cena da "parede íngreme". Esta cena pode ser percebida como a da ascensão social que o pai de Kafka teve na vida, como dono de uma loja de armarinho e acessórios em Praga. Herman Kafka foi criado em uma família humilde e teve uma infância simples e de muito trabalho. Sendo o quarto filho de um açougueiro de uma região rural da Boêmia, conseguiu crescer e se estabilizar como comerciante em Praga, que na época era considerada a terceira cidade mais importante do Império Austro-húngaro, atrás somente de Viena e Budapeste.

Herman puxara o pai [açougueiro]. Deu-se muito bem no serviço militar e foi promovido a cabo. Quando voltou à vida civil,

tentou a sorte como mascate⁶ rural, mas, como tantos judeus, acho o clima político e social de Praga mais tolerante. Ali se fixou e um ano depois, em 1882, casou-se com Julie. Sua loja de armarinho e acessórios de moda, que por fim evoluiu para estabelecimento atacadista. (BEGLEY, 2010, p. 21).

Freud, em seu texto *O romance familiar dos neuróticos* (1909), destaca que uma das tarefas mais importante e necessárias para a constituição e crescimento do sujeito, além de seu amadurecimento psíquico e emocional, é exatamente o desprendimento da autoridade dos pais. Aqueles apresentariam uma vida adulta “normal”; no entanto, Freud admite que há os que não conseguem (FREUD, 1909/2021, p. 420). Pode-se tomar como hipótese que Kafka ficaria a meio-caminho desse processo de identificação parental e emancipação subjetiva. Em *Carta ao pai* (1952), por exemplo, Kafka faz menção à admiração que tem pelo pai; todavia, deixa transparecer elementos edipianos ao conjugar emocionalmente admiração com inveja; medo com repugnância:

Lembro-me de muitas vezes nos despíamos juntos numa cabine. Eu magro, fraco, franzino, você forte, grande e largo. Já na cabine me sentia miserável e na realidade não só diante de você, mas do mundo inteiro, pois para mim você era a medida de todas as coisas. (...) Você havia subido tão alto, contando apenas com a própria força, que tinha confiança, ilimitada na sua opinião pessoal. Enquanto criança, isso não foi para mim tão ofuscante como mais tarde para o jovem adolescente. Da poltrona você regia o mundo. (...) Você regia para mim o que há de enigmático em todos os tiranos, cujo direito está fundado, não no pensamento, mas na própria pessoa (KAFKA, 1952/2021, p. 14-16, grifo nosso).

Em outra parte do sonho, observa-se o sentimento de desamparo e frustração de um filho em relação ao seu pai – aquele que é tido como herói e protetor. Se para o pai de Kafka os desafios que a vida como comerciante judeu “uma parede íngreme” foi superada com sucesso e desenvoltura “escalou quase dançando, suas pernas voavam, tamanha a leveza com que ele subia”; o mesmo não pode ser atribuído ao sonhador: “(...) havia certa desconsideração no fato de ele não prestar nenhuma ajuda, uma vez que eu a escalava com extrema dificuldade, de quatro e muitas vezes escorregando de volta...”. Esta cena remete mais uma vez ao sentimento de inferioridade que Kafka tem em relação ao

⁶ A mesma profissão do herói kafkiano Gregor Samsa, em *Metamorfose*.

pai, mas não somente ao pai. O jovem escritor exercia sobre sua escrita uma cobrança intensa, que o levava aos sentimentos de insegurança e frustração. Kafka também se via incapaz de ter uma vida conjugal e não merecedor do amor de outra pessoa⁷.

Dando continuidade, em outra cena do sonho, "Penoso era também que a parede se revestisse de excrementos humanos cujos flocos, dependuravam-se sobretudo em meu peito". Percebe-se, novamente, a tendência masoquista, cujo sonho se apresenta como um desejo de punição, fazendo com que o sonhador se veja diante de uma situação repugnante. Há também uma questão importante trazida pelos sonhos do jovem escritor, qual seja, a forma de funcionamento da instância censora, que resulta em condensações, ou seja, aglutinações de inúmeras espécies de sentidos e significações latentes. Uma única representação traz, em si, várias camadas ou cadeias associativas (LAPLANCHE; PONTALIS 2022, p. 87).

Assim, experiências reais, fatos da vida cotidiana, personagens reais e fictícios se aglutinam e se embaralham. Por exemplo, tem-se a figura do Dr. Von Leyden, exaltado pelo pai de Kafka no sonho. O referido personagem trata-se de um renomado médico, especialista em doenças pulmonares, que faleceu dois anos antes do sonho em questão. Kafka esteve em Berlin entre 03 e 09 de dezembro de 1910, data do falecimento do referido médico. Em hipótese, acredita-se que Kafka tomou conhecimento dessa notícia à época e a figura do Dr. Von Leyden foi deslocada temporalmente, vindo a ingressar na massa de conteúdo onírico inconsciente. O que vai resultar em cenas absurdas, repugnantes e desconectadas no tempo e no espaço, mas com um objetivo: a realização de desejo. E, como analisa Freud "(...) é sabido, no entanto, que o sonhador possui uma relação muito especial com seus desejos: ele os reprova, censura – em suma, não gosta deles (FREUD, 1917/2021, p. 291).

Por fim, e partindo para as considerações finais deste artigo, este último sonho em questão, trazido em análise, aponta tanto para um desejo de punição como também para um desejo de afeição, de reconhecimento do pai pelo esforço do filho, que mesmo com tanta dificuldade, ao contrário do pai, consegue, enfim, chegar no alto do edifício e ser carinhosamente recebido pelo seu objeto de desejo: "Quando, por fim, cheguei lá em cima, meu pai, já proveniente do interior do edifício, veio correndo me abraçar, beijar e apertar". Repare

⁷ Kafka foi noivo por duas vezes com Felice Bauer, no entanto, não chegou a se casar. Além de Felice, o escritor tcheco se apaixonou por Milena Jesenská, Julie Wohryzenk e Dora Diamant (BEGLEY, 2010).

que nessa cena, como já comentado, o sonhador recorda de uma roupa antiga do pai: “Ele vestia uma sobrecasaca antiga que eu me lembrava bem”, isso remete, em hipótese, tratar-se de um desejo infantil. Um desejo de ter sido tratado carinhosamente pelo pai em sua infância. E, sobre isso, Kafka deixa registrado na sua já citada *Carta ao Pai*, “(...) Eu teria precisado de um pouco de estímulo, de um pouco de amabilidade, de um pouco de abertura para o meu caminho, mas ao invés disso você o obstruiu” (KAFKA, 1952/2021, p. 13).

4. À guisa de conclusão

Cabe à interpretação do sonho restaurar os laços destruídos pelo trabalho do sonho. (FREUD, 1917/2021, p. 291)

Coube a este artigo trazer uma pequena contribuição à análise de alguns fragmentos dos sonhos de Franz Kafka registrados pelo escritor nos seus *Diários*, tratando-os como valor de um evento psíquico, submetendo-os à interpretação e, diante disso, tecendo considerações sobre sua vida íntima e sua personalidade. Buscou-se, tendo como base a teoria freudiana, localizar e entender os afetos investidos nesses sonhos, seus sentimentos reprimidos e as formações de compromisso entre as instâncias censoras, bem como os desejos recalcados e infantis, que a partir do trabalho do sonho foram deslocados e condensados.

Sendo assim, ao visitar os sonhos do jovem escritor tcheco, mesmo que parcialmente, foi possível inferir, analiticamente, cenas de sua vida afetiva e sentimental. Os fragmentos dos sonhos juntamente com registros autobiográficos permitiram, em certa medida, identificar os afetos e sentimentos que norteavam o sofrimento psíquico do jovem escritor. Culpa e angústia foram sentimentos presentes e marcantes na trajetória de vida de Franz Kafka, quiçá, de grande parte dos sujeitos modernos, como muito bem diagnosticou Freud (1908/2021), frente ao peso da moral civilizatória e repressiva que a vida burguesa exigia.

É pública e notória, frente às inúmeras biografias e trabalhos escritos sobre a vida e a obra de Kafka a existência de uma relação tensa e complexa que o jovem escritor manteve com o seu pai, assim como suas investidas amorosas, cercadas de dúvidas e insegurança, tudo isso atrelado ao seu grande desejo de ser um escritor e viver da literatura. Tais premissas biográficas serviram como fontes para as análises empreendidas neste artigo, no entanto, o material autobiográfico e a história contada pelo próprio protagonista, foi o que permitiu, hipoteticamente, trazer Kafka ao divã. Os sonhos relatados pelo jovem escri-

tor, acrescidos aos seus registros nos *Diários*, possibilitou, em parte, o emprego do método psicanalítico da interpretação do material onírico manifesto e, por conseguinte, adentrar em sua história psíquica.

Entretanto, a vinda de Franz Kafka ao divã, evidentemente, só foi possível hipoteticamente, pois, o método psicanalítico só se concretiza na relação – associações livres, atenção flutuante e transferência. Assim sendo, a intenção deste artigo foi, antes de tudo, aferir um método já tão bem trabalhado por Freud nas análises de sonhos cujo material procedeu de obras literárias, personagens fictícios, biografias e autobiografias. E, sobre isso, acredita-se no êxito da empreitada. O artigo também visou contribuir com mais um estudo, que leva em conta as interfaces da Psicanálise com a Literatura.

Ao fim e ao cabo, o personagem escolhido, Franz Kafka, foi, sem dúvidas, um dos maiores e influentes escritores do século XX, lido ao longo dos últimos 100 anos por milhões de leitores onde sua obra foi traduzida. Seus romances, contos, novelas, fragmentos dos *Diários* e cartas consagraram este jovem escritor angustiado e temeroso em relação à vida. Sua capacidade sublimatória e sua libido foram investidas em seus personagens, histórias e heróis. Desse modo, todos carregavam a marca da culpa, da angústia e do sentido de deslocamento frente ao mundo moderno, burocrático, capitalista, injustos e opressor. Kafka era alhures, como já destacado e, nas palavras de Walter Benjamin, “um rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo”. Medo da vida, do amor, medo das relações parentais, medo de não ser capaz de desejar o seu maior desejo, a literatura. Mas, apesar e em razão disso, Kafka foi adiante, rompendo noites insones, rasgando a alma “Muito sofri em pensamento” (KAFKA, 1909-1923/2021, p. 515), para deixar ao mundo da literatura uma obra inconfundível, com uma estética própria, sendo ela própria adjetivada –kafkiana. Ousa-se aludir que um sonho denominado como sonho de angústia, tão bem estudado por Freud, pode muito bem, ser também denominado, como sonho “kafkiano”, tamanha a verossimilhança entre o postulado pelo psicanalista de Viena e o mundo onírico do escritor tcheco, vividos e registrados em seus *Diários*. Certa feita, em um diálogo de Kafka com seu grande amigo Max Brod, trazido por Benjamin (1996), o escritor de Praga sintetiza em poucas palavras o espírito kafkiano:

Recordo-me de uma conversa com Kafka, cujo ponto de partida foi a Europa contemporânea e a decadência da humanidade. Somos, disse ele, pensamentos niilistas, pensamentos suicidas, que surgem na cabeça de Deus. Essa frase evocou em mim a princípio a visão agnóstica do mundo: Deus como um demiurgo per-

verso, e o mundo como seu pecado original. Oh não disse ele, nosso mundo é apenas um mau humor de Deus, um dos seus maus dias. Existiria então esperança? Ele riu: há esperança suficiente, esperança infinita – mas não para nós. (BENJAMIN, 1996, p. 142).

Apesar de toda sua personalidade desesperançosa, Kafka foi capaz de sublimar e, por meio de sua obra, trazer para gerações que o sucederam histórias e heróis fracassados e angustiados, entretanto, belos. Uma beleza que se traduz pela proximidade da alma humana, dos seres humanos comuns – histórias contadas a contrapelo.

Tramitação

Recebido 08/08/2022

Aprovado 24/07/2023

Referências

- ADORNO, T. W. Anotações sobre Kafka. In: _____. *Prisma: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso*. Ensaios sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2019.
- BEGLEY, L. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça: Franz Kafka um ensaio biográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BENJAMIN, W. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. (Obras Escolhidas, v. 1).
- CHAVES, E. Prefácio: o paradigma estético de Freud. In: _____. *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas*. São Paulo: Editora Autêntica, 2015.
- COUTINHO, C. N. *Lukács, Proust e Kafka*. Literatura e sociedade no século XX. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka por uma literatura menor*. São Paulo: Editora Autêntica, 2020.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. (Obras completas, 05).

_____. (1907). O delírio e os sonhos na Gradiva. In: _____. *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* [1906-1909]. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 13-122. (Obras completas, 08).

_____. (1908). A moral sexual 'cultural' e o Nervosismo moderno. In: _____. *O delírio e os sonhos na Gradiva análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* [1906-1909]. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 13-122. (Obras completas, 08).

_____. (1909). Romance familiar dos neuróticos. In: _____. *O delírio e os sonhos na Gradiva análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* [1906-1909]. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 419-424. (Obras completas, 08).

_____. (1917). Segunda Parte: os sonhos. In: _____. *Conferências introdutórias à psicanálise* [1916-1917]. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 109-323. (Obras completas, 13).

_____. (1923). Psicanálise e teoria da libido. In: _____. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* [1920-1923]. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 273-308. (Obras completas, 15).

_____. (1928). Dostoiévski e o parricídio. In: _____. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos* [1926-1929]. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 337-364. (Obras completas, 17).

_____. (1939[1934-1938]). *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos* [1937-1939]. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 215-224. (Obras completas, 19).

KAFKA, F. *Diários* (1909-1923). São Paulo: Editora Todavia, 2021.

_____. (1952). *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LACAN, J. (1953-1954). *O seminário. Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. São Paulo: Editora Zahar, 2020.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2022.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2014.

LÖWY, M. *Franz Kafka, sonhador insubmisso*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.